

# Globalização na Literatura Infantil Vozes, Rostos e Imagens



Fernando Azevedo  
Armindo Mesquita  
Ângela Balça  
Sara Reis da Silva  
(Coordenação)

**Globalização na Literatura Infantil**  
**Vozes, Rostos e Imagens**

**ISBN: 978-1-4710-1319-5**

Obra disponível, entre outras, nas seguintes livrarias:

<http://www.lulu.com>

<http://www.amazon.com>

<http://www.barnesandnoble.com/>

**Globalização na Literatura Infantil**  
**Vozes, Rostos e Imagens**

Coordenação

Fernando Azevedo

Armindo Mesquita

Ângela Balça

Sara Reis da Silva

**FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia**  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Obra produzida com o patrocínio do  
*Observatório de Literatura Infanto-Juvenil (OBLIJ)*

Título: **Globalização na Literatura Infantil. Vozes, Rostos e Imagens**  
Coordenação: © Fernando Azevedo, Armindo Mesquita, Ângela Balça e Sara Reis da Silva (Coord.)  
Paginação e Design: Joana Caldas  
Capa: © Michaeljung - Fotolia.com  
Edição: Lulu Enterprises, Raleigh, N.C, Estados Unidos da América  
ISBN: 978-1-4710-1319-5  
Data de saída: 2011

## Conteúdo

*Palavras Prévias*

7

## Representação e Memória

1

*Educação Literária: a Voz da Literatura nas Narrativas Publicitárias*

Ângela Balça

19

2

*Pintar a Natureza com Letras*

Armindo Mesquita

35

3

*Palavras e Imagens que permitem Interrogar o Mundo*

Fernando Azevedo

45

4

*Entre Casas, Quintais e Cidades:*

*A Representação do Espaço nos Álbuns Narrativos de Isabel Minbós Martins*

Sara Reis da Silva

55

5

*És mesmo um Rap@z?*

*Os modos como o Masculino é retratado na Literatura Infantil do Século XXI*

Alba Alonso Feijoo

67

6

*De como Kafka, Goethe, Rilke & C.<sup>ia</sup> entram nas*

*Aventuras do Triângulo Jota*

Maria Ant3nio H3rster

85

7

*A Construção de «Adolescência» no Romance Juvenil Alemão e Português:*

*uma leitura de Die Zeit der schlafenden Hunde, de Mirjam Pressler, e de A*

*Lua de Joana, de Maria Teresa Maia Gonzalez*

Maria Am3lia Gonçaves da Cruz

103

8

*Rostos de Narziso?*

*Representações da Homossexualidade na Literatura Infanto-Juvenil*

*Portuguesa*

Maria da Conceição Tom3

Gl3ria Bastos

127

9

*Humor, Ironia e Crítica Social na Poesia Infanto-Juvenil*

*de Vergílio Alberto Vieira*

João Manuel Ribeiro

149

10

*A Representação do Sistema Educativo e dos Professores numa Selecção de  
Obras Narrativas que tratam a Guerra Civil Espanhola*

Blanca-Ana Roig Rechou

159

11

*Xaquín Marín e a Reivindicação da Identidade Galega  
a partir da Banda Desenhada*

Isabel Mociño

185

12

*A 'Nova Literatura' na Promoção de uma Competência Literária Global,  
Verdade ou Consequência?*

Gisela Silva

215

13

*A Literatura Infantil e Juvenil e os Livros de Filosofia para Crianças*

João Manuel Ribeiro

Gabriela Sotto Mayor

235

14

*O Diário Juvenil: Identidade(s) e Globalização*

Carlos Manuel da Costa Teixeira

251

**Vozes, Lugares e Acção**

15

*O Preconceito Racial em Xixi na Cama e O Menino Marron:  
Práticas Educativas em Sala de Aula*  
Renata Junqueira de Souza  
Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira  
279

16

*Contos 2.0*  
João Sardinha  
301

17

*A Formação do Leitor Literário em Tempos de Multimídias*  
Danielle Medeiros de Souza  
Naire Jane Capistrano  
317

18

*Para além das Bibliotecas Escolares:  
As Tecnologias de Informação na Promoção da Literatura Infantil*  
Pedro Rafael Neto Gomes  
António Pereira Pais  
Maria da Graça Sardinha  
331

19

*Era uma vez a Leitura...*  
Maria de Lurdes Castanheta Pelarigo  
345

20

*A Banda Desenhada Histórica como Recurso Didático-Pedagógico para a  
Construção de Conhecimento Histórico dos Alunos no 1º CEB*

Glória Solé

355

21

*A Literatura Infantil como Alternativa  
para o Ensino do Português como Idioma Estrangeiro*

Cibele Lucena de Almeida

Antônia Fernanda Jalles

391

22

*As Demandas da Lei 10.639/2003  
e o Mercado Editorial Brasileiro para a Infância*

Eliane Santana Dias Debus

407

23

*Leitura na Educação Infantil:  
A Ciranda de Livros como Alternativa para a Formação do Leitor*

Rebeca Ramos Campos

Sandro da Silva Cordeiro

419

24

*Os caminhos do Ensino e da Aprendizagem do Vocabulário:  
Intercultura, Corpus Textual e Lexicultura*

Antônio Pereira Pais

Maria da Graça Sardinha

433

**Rostos de Narciso?  
Representações da Homossexualidade na Literatura  
Infanto-Juvenil Portuguesa**

**Maria da Conceição Tomé<sup>57</sup>  
Glória Bastos<sup>58</sup>**

**Introdução**

A adolescência é um período do desenvolvimento humano em que o organismo sofre «modificações fundamentais que irão afectar sucessivamente todos os aspectos da vida biológica, mental e social [...]: o corpo, o pensamento, a vida social e a representação de si.» (Claes, 1985: 51-52). Neste contexto, a questão da sexualidade não deixa de ser, porque crucial ao desenvolvimento humano, uma área frequentemente geradora de conflito para os sujeitos adolescentes, sobretudo porque a consolidação da identidade sexual e, de forma particular, a descoberta da orientação

---

<sup>57</sup> Professora bibliotecária do Agrupamento de Escolas de Silgueiros. Doutoranda em Estudos Portugueses, na Universidade Aberta. Investigadora do CEMRI (Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais). Contacto: sao.dinis@gmail.com

<sup>58</sup> Professora Auxiliar no Departamento de Educação e Ensino a Distância, na Universidade Aberta. Membro do Conselho Científico do Plano Nacional de Leitura. Investigadora do CEMRI (Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais). Contacto: gloria@univ-ab.pt

sexual assumem, em particular nesta fase da vida, uma importância significativa.

Sublinhe-se, no entanto, que no âmbito das representações hegemónicas de género, as identidades masculina e feminina surgem associadas a um conjunto de valores e condutas. Como afirma Scott (1995: 86), o género é «um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder.» Sendo o género, como reforça Andreoli (2010: 111), «... performático: ele não expressa a essência interior do que somos, mas é a estilização repetida, no corpo, de um ritualizado conjunto de atos, de acordo com as normas sociais e culturais».

Convém realçar, porém, que vivemos numa sociedade onde a norma sexual é a da heterossexualidade ainda que, como sublinha Claes (1985: 91), «a homossexualidade represente um outro tema importante na sexualidade adolescente». Na cultura heteronormativa, tal como refere Andreoli (2010: 112), «o(a) homossexual é considerado(a) aquele que não é um homem ou mulher autêntico(a), ou seja, aquele(a) que perdeu o seu género.».

Note-se que, no actual contexto português, a homossexualidade é ainda uma temática polémica. No entanto, com a recente promulgação da lei sobre o casamento entre homossexuais, esta questão parece ter conquistado uma certa aceitação no que se refere ao domínio legislativo (embora com uma cláusula que alguns consideram discriminatória no que se reporta à possibilidade destes casais poderem tornar-se candidatos à adopção). Mas, apesar de legislada, esta problemática está longe de ser consensual a nível social, bem como a aceitação, no quotidiano, dos sujeitos homossexuais. Como sublinham Gato & Fontaine (2010: 4), a situação em Portugal suscita alguma preocupação, dados os índices de homofobia que ainda se verificam. Algumas medidas, nomeadamente a nível educacional, têm vindo a ser implementadas para combater esta situação, como por exemplo o conjunto das acções legislativas que pretendem concretizar a educação sexual em

meio escolar, sendo o respeito pelo direito à diferença e pela pessoa do outro, designadamente a sua orientação sexual, um dos valores orientadores essenciais.

A questão da discriminação e violência exercida sobre pessoas com base na sua orientação sexual parece ser uma realidade na nossa sociedade. Este assunto deveria despoletar uma reflexão urgente, sobretudo porque as expressões da homofobia, presentes em diversos discursos, contribuem para a manutenção de preconceitos e para o desrespeito pelos direitos humanos. Neste contexto, sublinhe-se que a literatura infanto-juvenil constitui um espaço privilegiado para a interiorização de valores como o respeito e a tolerância. Partindo deste quadro, podemos afirmar que a literatura de potencial recepção infanto-juvenil portuguesa contemporânea tem vindo a abordar tópicos ainda considerados, de alguma forma, sensíveis, mas já não tabu, como é o caso da homossexualidade, inovando e rompendo silêncios.

Neste artigo, pretende-se verificar de que forma a literatura portuguesa para o leitor juvenil aborda esta temática, bem como analisar as representações da homossexualidade que são transmitidas aos jovens, tendo como *corpus* as seguintes produções literárias: *O Gorro Vermelho*, de Ana Saldanha (Editorial Caminho), *Ricardo, o Radical*, *Alguém sabe do João?*, *Poeta (às vezes)* e *Em casa do Vasco* de Maria Teresa Maia Gonzalez (Difel) e *O Diário Secreto de Camila*, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada (Editorial Caminho). Analisam-se também as representações da homoparentalidade em duas publicações infantis, nomeadamente *O Livro de Pedro (Maria dos 7 aos 8)*, de Manuela Bacelar (Editora Afrontamento), e *Ser diferente é bom*, de Sónia Pesssoa (Editora Papiro).

### **1. Expressões da homofobia ou representações da homossexualidade na literatura juvenil?**

A questão da homossexualidade, sendo uma questão ainda polémica na sociedade portuguesa, surge, nas publicações juvenis

que constituem o *corpus* deste artigo, de uma forma periférica e com manifestações sobretudo ao nível da homofobia. Com efeito, em apenas um dos livros analisados encontramos uma personagem que se debate com o facto de experimentar sentimentos de amor por alguém do mesmo sexo, sendo essa temática central na intriga. Referimo-nos ao livro *Poeta (às vezes)*, de Maria Teresa Maia Gonzalez. Nas restantes produções literárias de potencial recepção juvenil que fazem parte do *corpus* deste artigo, embora em alguns casos pareça estar subjacente a vontade de despoletar reflexão sobre este assunto, a questão da homossexualidade surge com contornos peculiares, com passagens textuais que revelam sobretudo pensamentos e comportamentos homofóbicos.

Em *Ricardo, o Radical*, a questão da homossexualidade surge, no desenrolar da acção, de forma periférica. Ricardo, o protagonista, descobre, após uma viagem de moto, que não tem dinheiro para a gasolina e pede boleia. A forma como é descrito o condutor que lhe dá boleia, um «velho que se babava todo com a companhia que levava ao lado», que «numa voz melada» (p. 67) elogia o capacete de Ricardo e o convida para tomar um copo, deixa transparecer alguns dos estereótipos associados aos homossexuais:

O condutor devia ter uns sessenta anos e vestia uma camisa de um tremendo mau gosto. Além do mais, havia no automóvel um cheiro insuportável a *after-shave* barato, que lhe causava uma leve náusea. O velho tornou-se solícito ... Tinha um anel com uma pedra verde no dedo médio e usava meias brancas...

(*Ricardo, o Radical*: 67)

Ricardo sai rapidamente do carro inventando uma desculpa quando percebe que está a ser vítima de assédio sexual por parte do condutor do veículo, que é no texto denominado por «maricão», um termo da gíria que designa de forma depreciativa o homem homossexual: «O maricão do Opel passou por ele a apitar, mas ele não lhe deu troco. Cada vez mais agoniado, sentia agora uma revolta no estômago...» (p. 68). De acordo com Day (2000:xxv),

um dos mais negativos estereótipos relativos aos homossexuais prende-se com o facto de os identificarem como sedutores de crianças, associando-os a comportamentos pedófilos. Embora não seja o caso específico referido nesta passagem textual de *Ricardo, o Radical*, o facto de se associar a um homossexual a possibilidade de abuso sexual de adolescentes, não deixa de constituir-se como uma referência fortemente pejorativa.

Ana Saldanha, em *O Gorro Vermelho*, recupera (sublinhe-se que este conto faz parte da colecção «Era uma vez...outra vez») a história tradicional «O Capuchinho Vermelho», dos Irmãos Grimm e aborda também, de forma subtil, a questão da homossexualidade. Nesta obra, surge a personagem Joel, amigo de Sofia, a protagonista. É curiosa a forma como a autora menciona esta amizade no início do conto, deixando desde logo antever nas entrelinhas alguns aspectos que remetem para a eventual homossexualidade de Joel: «A Sofia e o Joel são só bons amigos. Toda a gente sabe – e acredita, mesmo quando o Joel passa um braço pelos ombros largos de Sofia e a beija nos lábios.» (p. 9). Ao leitor adolescente esta situação causará logo estranheza, bem como a forma amorosa como se tratam entre eles (*meu amor, querido*). Os amigos chamam a Joel «borboleta» (pp. 9, 14), embora claramente com sentidos implícitos diferentes quer sejam os verdadeiros amigos, como Sofia, ou o colega Romeu a nomeá-lo. Efectivamente, esta denominação parece estar, em primeiro lugar, relacionada com o facto de Joel dançar *ballet*. No entanto, quando Romeu, figura tipicamente masculina que contrasta com Joel em quase tudo, desde a aparência física ao tipo de actividade desportiva que pratica (Romeu pratica judo e tem barba; Joel pinta o cabelo de loiro e anda no *ballet*), chama o colega de «borboleta», captam-se novos sentidos no vocábulo. Como sublinha Andreoli (2010: 114), «os homens que dançam estão fora da representação de masculinidade hegemónica», parecendo constituir-se a dança como «imprópria para um projecto de aquisição e de “prova” de

masculinidade viril» (*id., ibid.*: 112), sobretudo se falarmos de determinadas danças como é o caso do *ballet*.

A mãe de Sofia refere-se a Joel como «Aquele rapazito um bocado efeminado» (*O Gorro Vermelho*, p.31), confirmando, tal como o sugere Andreoli (2010: 112), que «o oposto da masculinidade não é a feminilidade, mas a efeminação. O homem efeminado é o homem cujo género, mas também a sexualidade, estão degradados». Esta efeminação está bem patente quando Joel arruma os livros na mochila e novamente Romeu, figura que serve sucessivamente de elemento de contraste, exclama «- Que arrumadinha! (...) Ó Joela, tu davas uma óptima dona de casa. (...) Ó mariposa (...) um destes dias tens de me ir lá a casa arrumar o quarto. Tenho de te contratar, que tu tens jeito. Davas uma óptima dona de casa.» (p.36), não só atribuindo a Joel, de forma sarcástica, qualidades tradicionalmente associadas ao feminino, como também, de forma intencional e com objetivos muito específicos, alterando o seu nome próprio.

A alusão à homossexualidade é perceptível também no *Diário Secreto de Camila*. A protagonista, Camila, fica muito surpresa quando vê a tristeza em que a avó fica no funeral do cunhado Luís Eugénio. A revelação feita pela avó de que se apaixonara na juventude pelo tio-avô Luís Eugénio, mas que ele era homossexual, «não gostava de mulheres» (p. 57) deixa Camila estupefacta. Luís Eugénio é descrito pela avó como «bonito, bom conversador, dançava lindamente» (*ibid.*). Quando a família descobre que o tio-avô Luís Eugénio deixou toda a herança a um tal José Branda e ao jardineiro, o tio Eduardo disse «palavrões, um chorrilho de palavrões, deve ter utilizado a colecção completa de termos agressivos e ordinários que significam homossexual» (p. 63). Supostamente companheiro de Luís Eugénio, José Branda é descrito como «um velhote de cabelo pintado» e «figura grotesca» (pp. 65, 66). Camila perde-se de riso quando pensa no tio-avô e no José Branda juntos, afirmando que «Já vi muitas cenas de cama nos filmes e na televisão, mas os actores são sempre novos e quase sempre bonitos. Inimaginável! Só de olharem um para o outro deviam morrer de susto!» (p. 67). Quando

conhece pessoalmente José Branda, Camila acha-o delicado, mas «Ao pé é ainda mais feio do que ao longe, parece uma caricatura» (p. 71). Quando se despede dele, no entanto, Camila vê «para além da figura ridícula, para além da cara velha e feia, um homem de olhar límpido» (p. 73), admirando o gesto de José Branda (entregou todas as jóias que estavam na casa que lhe coube em herança). O tio Eduardo, no entanto, afirma que «as coisas de casa daquele velho metem-me nojo» (p. 74). As personagens intervenientes nesta parte da acção exteriorizam sentimentos diferentes em relação ao facto de Luís Eugénio ser homossexual, em particular, e aos homossexuais, em geral: a avó lamenta o investimento amoroso realizado na juventude; o tio Eduardo faz transparecer nitidamente toda a repulsa que sente pelos homossexuais; Camila acha bizarro e hilariante a imagem de dois homens numa relação amorosa, considerando-os figuras ridículas, embora se depreenda alguma admiração pelo carácter de José Branda.

No volume *Em casa de Vasco* (pp. 48-49), a propósito da constituição da turma e do facto de metade da mesma ser filha de pais divorciados (o divórcio é temática central desta produção literária), surge a questão da homoparentalidade, entendida como algo bizarro e não desejável por duas das personagens em diálogo (Débora e César):

- E a Gi, que é filho de um ou uma *gay*: não sei se é o pai a mãe. De qualquer forma, vive com dois homens ou duas mulheres.
- Isso é que era bom! – indignou-se a Débora. – Se algum dos meus pais desse em homossexual, eu pirava-me para o Brasil. (...)
- Mas qual é o mal de se ter um pai ou uma mãe homossexual? – interveio o Vasco, mostrando-se mais liberal do que era costume. - Não é um crime! A Gi até fala disso com naturalidade.
- Tanta que ninguém sabe se é o pai ou a mãe que é *gay* – ironizou o César.
- Tas a gozar porquê? – quis saber o amigo. - Deste em ter preconceitos, foi?

- Não sei. Mas responde lá a esta: gramavas que o teu pai e... ou a tua mãe fossem *gay*?

A resposta a esta pergunta pelo protagonista seria talvez crucial para veicular uma posição de aceitação desta questão, mas a pergunta não só não é respondida, como é considerada «estúpida». De alguma forma, pressente-se que, apesar da abertura e do respeito pelo Outro manifestado por Vasco, o protagonista, surgem entraves quando esta questão se coloca na esfera da vida e intimidade pessoal, tal como, de resto, parece acontecer na sociedade.

A questão da homossexualidade é aqui motivo de reflexão entre os amigos, espelhando as opiniões de alguns deles as mais comuns na própria sociedade: para Débora «Parece que está provado que é uma espécie de doença» e para César «uma opção (...) E, claro também é um direito» (*Em casa do Vasco*, p.48). No entanto, a questão do direito dos homossexuais terem filhos é geradora de grande polémica («Sim, porque se um gajo decide que vai ser *gay*, por que raio é que há-de ter filhos? Porque é que os filhos é que se hão-de lixar sempre? Que culpa é que eles têm? (...) Se só descobrem quando já têm filhos, mudem de decisão e pronto. Não têm o direito de tramar os filhos.» (p. 47)). Vasco, o protagonista, afirma que os colegas «são de uma ignorância que mete dó» e que «Há pessoas que só descobrem a sua orientação sexual quando são adultas.» (p.48). Neste livro, pela voz de Vasco, é veiculada uma mensagem de tolerância e de alguma compreensão sobre esta problemática.

A referência depreciativa à homossexualidade aparece também em algumas das obras analisadas quando alguém pretende insultar uma das personagens e lhe chama *amélia* («És uma *amélia*...» (*Ricardo, o Radical*, p. 69); «Deixa-te de *lamechices*, César! Pareces uma *amélia* tonta.» (*Em casa de Vasco*, p. 67); «Os nabos do nono levaram uma abada dos de fora *gandas amélias*... (*Alguém sabe do João?*, p. 49); «Nós ficamos a assistir, como umas *amélias* coxas» (*Alguém sabe do João?*, p.70);), numa alusão clara a atitudes consideradas sinónimos de fragilidade, excessivamente femininas (sensibilidade,

delicadeza...) e preconceituosamente associadas aos homossexuais. Da mesma forma, a utilização deste vocábulo pode estar ao serviço do reforço das qualidades masculinas, como a coragem, a força, a virilidade («O Pontes não era um lingrinhas nem uma *amélia*, que diabo!» (*Alguém sabe do João?*, p. 46)). Como sublinham Felipe e Bello (2009: 145) «a construção da masculinidade, em especial aquela que se pretende hegemônica, se dá a partir do desprezo e da inferiorização em relação a tudo aquilo que possa parecer feminino.»

É pertinente referir, no entanto, que num dos livros analisados a questão da homofobia surge como causadora de tragédias pessoais, de forma central na acção. Cremos que, desta forma, se despoleta alguma reflexão sobre a forma como os preconceitos podem destroçar vidas humanas. Referimo-nos ao livro *Alguém sabe do João?*, também de Maria Teresa Maia Gonzalez. A acção inicia-se com João, o protagonista de dezasseis anos, vítima de uma depressão por se sentir responsável pela morte do seu melhor amigo, Guilherme Pontes. Ao longo da leitura do livro, acabamos por compreender que o acidente se dá porque os colegas de João e Guilherme encontram este último na biblioteca sentado ao lado de um aluno do quinto ano com quem conversava frequentemente e que, naquele instante, estava a chorar, enquanto Guilherme lhe fazia uma festa na cabeça. Os colegas presentes provocam o João, dizendo que o seu melhor amigo é *gay* e pedófilo e que «os dois pombinhos estavam tão “entretidos” que nem tinham dado pela nossa presença» (pp. 98-99), o que leva João a esmurrar o amigo Pontes («Tudo isso porque tu achavas que o Guilherme e eu..., enfim, que o Guilherme era... maricas ou coisa parecida, não é?» (p. 116) ) e, no meio da zaragata, este perde o equilíbrio e bate com a cabeça na mesa, morrendo.

Refira-se que ambos são alunos de um colégio militar, denominado «Armas de Portugal», onde se vive um ambiente de grande austeridade, disciplina e ausência de afectos, onde os alunos são chamados por apelidos e alcunhas e onde a sensibilidade, a

espontaneidade e as emoções são percepcionadas como fraquezas («Quem ousasse falar dos sentimentos mais profundos acabaria por ser motivo de chacota dos demais», p. 50) e onde se aprende a ser «um homem, um homem com H» (*Alguém sabe do João?*, p. 88). Os comentários homofóbicos em relação a Guilherme Pontes são frequentes ao longo o livro, recorrendo-se a expressões fortemente pejorativas: «Eu cá não queria ter o Pontes atrás de mim...»; «O Pontes não era um gajo normal (...) Por muito lamentável que seja, esta é a verdade nua e crua.»; «Tá na cara que o Pontes “pegava de empurrão”, que é que queres?» (pp. 68-69).

Como se constata pela análise efectuada, é sobretudo no espaço escolar que as atitudes homofóbicas têm lugar, reflectindo estas narrativas o que efectivamente acontece na realidade dos jovens portugueses. Como afirma Junqueiro (2009: 24), estas atitudes acabam por condicionar de forma preponderante a vida escolar e pessoal, bem como as possibilidades de integração social, dos sujeitos jovens que estejam na fase de construção da sua identidade sexual ou cuja orientação sexual os coloque à margem do socialmente considerado «normalidade». A escola acaba por constituir-se como o espaço da reprodução da heteronormatividade e não um espaço de verdadeira cidadania. De acordo com Carneiro e Menezes (2006: 245),

Les expériences vécues de la discrimination et de l'oppression ne sont pas seulement douloureuses pour les non-hétérosexuels mais aussi pour beaucoup d'individus qui s'identifient comme hétérosexuels. Et il serait bon de se demander si l'insulte vis-à-vis des homosexuels n'est pas une façon de se protéger soi-même d'éventuelles moqueries sur sa propre sexualité.

Como já foi mencionado, é em *Poeta (às vezes)* que a questão da homossexualidade é abordada de forma mais central, associada à descoberta da orientação sexual. Rafael Santa-Cruz é um jovem que frequenta o 11.º ano de uma escola secundária no agrupamento de Humanidades, muito sensível e que escreve poesia. O pai, oriundo de uma família tradicional e muito religiosa, não valoriza a sua

inspiração poética («Não sou um inútil como tu, sempre a fazeres versos ?») (p. 18), nem aprecia o facto de a mãe o tratar com carinho e delicadeza («Deixa-o em paz, Luzia! Passas a vida com mariquices com ele») (p. 21), tendo uma relação conflituosa com o mesmo. Rafael tem um amigo inglês, Andrew, filho de pai homossexual assumido. Não deixa de ser significativo o facto de, em todo o *corpus* analisado, a única personagem homossexual assumida ser uma personagem secundária e oriunda de outro país. Longe de se constituir como apenas um pormenor, no nosso entender, este facto está imbuído de significado no âmbito desta questão da homossexualidade e da percepção do Outro.

A questão da homofobia perpassa também toda a acção de *Poeta (às vezes)* e envolve não só as personagens secundárias, mas também o protagonista. Convidado para jantar em casa de Andrew, Rafael arranja desculpas, sendo acusado pelo amigo de ter preconceitos como os restantes colegas. Noutra altura, refere-se a vontade de Rafael de falar ao tio do seu melhor amigo e «Relatar a sua admiração pelo pai, que era *gay*, mas óptima pessoa» (p. 50). Parece-nos que a conjunção adversativa aqui colocada acaba por veicular uma carga preconceituosa em relação ao carácter dos homossexuais.

É, no entanto, pela voz do pai de Rafael que a homofobia é veiculada de forma gritante. Quando Andrew vai a casa de Rafael, o pai fica surpreendido pelo facto de Andrew usar um brinco na orelha e exclama, «Pois é bom que não metas essas manias na cachola do meu filho, ouviste? Maluco já ele é; não precisa de parecer também uma mulher!» (p. 56), impedindo-o de seguida de acompanhar o filho ao quarto («Era só o que faltava, o meu filho metido no quarto com um gajo que parece uma miúda», p. 57).

Os colegas de Rafael começam também a tecer comentários sarcásticos pelo facto de Rafael conviver com Andrew, frisando a importância que os pares assumem no quotidiano juvenil e como as imagens do outro influenciam as relações interpessoais: «O gajo é mal cotado na bolsa, pá. Pode até ser mentira o que dizem dele e

tudo, mas 'tás a ver... é lixado um gajo dar-se com um tipo assim, que até pode ser fixe, mas ninguém sabe como é ... que tem um pai assim...(...) mas não és... (referindo-se a Rafael) maricas e essas cenas» ( *Poeta (às vezes)*, p. 78). Andrew, naturalmente, defende veementemente o pai, achando-o fantástico e aceitando-o como ele é (pp. 29, 42) e lutando fisicamente com os colegas quando estes chamam «maricas ou qualquer coisa do género» ao seu pai (p. 62).

A amizade de Rafael com Andrew torna-se cada vez mais forte, transformando-se paulatinamente em algo maior. No entanto, apesar de próximos, o contacto físico parece ser evitado («Rafael quase lhe tocou no ombro, mas não chegou a tanto», p. 41). Mais tarde, quando o amigo chora, «seguindo mais um instinto do que um sentimento, aproximou-se e abraçou-o como uma criança. Devagar e sem medo de mostrar, naquele abraço, que estava com ele para o que desse e viesse» (p. 66). Aquele abraço constitui-se como um momento charneira na acção, uma vez que «Depois do abraço, nada ficou como dantes» (p. 66). A questão sobre a homossexualidade de Andrew fica em aberto, porque este, quando Rafael o questiona se ele é como o pai, não responde, ou melhor responde com uma nova pergunta: «Porquê? Que diferença faria, Santa-Cruz?» (p. 66), introduzindo uma situação dilemática que não será resolvida.

Em relação à orientação sexual de Rafael, a questão vai ficando mais clara à medida que a acção se aproxima do final. O rapaz rejeita investidas amorosas, não se deixa seduzir pelo convite explícito para fazer amor da parte da amiga Vanessa, apaixonada por ele. Quando Vanessa lhe pergunta se o Andrew é mesmo muito importante para ele, Rafael desvia o assunto. E será pela voz de Vanessa que conhecemos os verdadeiros sentimentos do protagonista: «tu não és só amigo dele. Não é que sintas por ele alguma coisa no aspecto físico, não. É diferente. É ... muito mais do que isso. (...) Há momentos em que penso que tu eras capaz de dar a vida por ele, Santa-Cruz (...) E isso é o máximo que alguém pode sentir por outra pessoa. É o que pode haver de mais perfeito

no Mundo.» (p. 97) o que provoca um colapso emocional em Rafael que «chora de raiva, medo e desespero» (p. 97).

A acção de *Poeta (às vezes)* termina de forma trágica quando Andrew, incapaz de aceitar mudar novamente de país e ficar longe de Rafael, se suicida afirmando, na carta que escreve ao amigo, que «Contigo, descobri que, apesar do medo de sentir o que não é suposto, há razões para confiar e querer ficar. (...) Sei que fico contigo.» (p. 115). Rafael, por seu lado, desabafa que «queria ser como toda a gente...» (p. 117), o que parece demonstrar, de certo modo, a dificuldade e o sofrimento em aceitar-se tal como é, nesta questão particular da orientação sexual. Esta questão já anteriormente tinha ficado explícita, quando a personagem afirma que se fosse capaz de se apaixonar por Vanessa, seria muito mais feliz.

De forma subtil, cremos que a questão da homossexualidade masculina está patente nesta produção literária de potencial recepção juvenil. Sublinhe-se o facto de a relação entre estes dois rapazes ser apresentada como algo belo, grandioso, porque parece uni-los o Amor. Não existem, refira-se, registos no livro que indiquem contactos físicos para além dos que são comuns entre amigos (abraços entre outros gestos), embora entre rapazes a manifestação de gestos de carinho apresente contornos diferentes, impostos pela necessidade de se evidenciar a masculinidade. Como salienta Lefèbvre (2006: 4), um amor que nasce assim sem qualquer contacto físico expresso «permet de défendre l'aspect sentimental de la relation, ce qui s'oppose à une vision de l'homosexualité considérée comme étant une différence d'ordre uniquement sexuel».

O facto de a acção ter um desfecho tão trágico remete, de alguma forma, para a dificuldade ou mesmo impossibilidade de vivência de uma relação amorosa deste tipo. Partilhamos, neste contexto, as dúvidas colocadas por Chaimbault (2002: 18), «Un adolescent qui se pose des questions (...), qui cherche des modèles, des références, des repères n'auraient que ces personnages dont les amours finissent tragiquement?».

## 2. Representações da homoparentalidade na literatura para a infância

No que diz respeito à literatura infantil, registe-se, em Portugal a publicação, por parte da Editora Papiro, do livro *Ser diferente é bom*, de Sónia Pessoa, em 2008, e *O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8 anos)*, de Manuela Bacelar, também em 2008, publicado pela Editora Afrontamento. Estes livros, de alguma forma pioneiros em Portugal<sup>59</sup>, abordam, sem moralismos, a questão da homoparentalidade. A psicóloga Gabriela Moita afirma, numa espécie de introdução à leitura do livro *Ser diferente é bom*, que o mesmo responde a uma absoluta necessidade no vazio do panorama editorial português, considerando que a vivência de uma relação amorosa e de partilha de parentalidade com uma pessoa do mesmo sexo é ainda um dos temas tabu das nossas sociedades. Este livro, que relata o quotidiano de duas crianças com famílias diferentes (um casal heterossexual e outro homossexual), não deixa transparecer qualquer diferença na vivência do dia-a-dia das duas famílias. De acordo com Gabriela Moita, «a socialização das nossas crianças não pode mais continuar a ser feita pela observação de um único padrão de vida» e «a aprendizagem da existência das diferenças faz-se pela observação dessas diferenças, transformando-as assim em variações humanas».

Tal como Sónia Pessoa, também Manuela Bacelar aborda em *O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8 anos)*, a parentalidade homossexual. Numa história desenvolvida em dois níveis narrativos, visíveis quer ao nível textual quer ilustrativo (Rodrigues, 2010: 28), Manuela Bacelar conta a história de Maria, uma jovem mulher grávida, que narra à filha a história da sua vida entre os 7 e 8 anos de idade, mantendo vivos os afectos sentidos nesse tempo em que viveu com

---

<sup>59</sup> Miguel Vale de Almeida publicou em 2005, na colectânea *Quem conta um conto ajuda um pouco*, editado pelos Médicos do Mundo, o conto *A Escola do Arco-íris*,

Pedro e Paulo, seus pais. Como se pode ler na sinopse deste livro, presente na Casa da Leitura, a publicação deste álbum de Manuela Bacelar «pode ser entendida como uma forma de defender a ideia de que não há temas tabu para a literatura para a infância, ainda que a questão da homossexualidade seja tratada com especial subtileza, passando quase despercebida, uma vez que a questão central é a defesa dos afectos» (Casa da Leitura, 2008: s/p.).

A própria autora, em entrevista ao «Diário de Notícias» (Câncio, 2008), apresenta o livro como a história de «uma menina que é amada e portanto saberá amar», «um livro de afectos para toda a gente». Esta forma subtil e, de alguma forma, subversiva de tratar o tema da homossexualidade acaba, no nosso entender, por se centrar na essência da questão – os afectos – e veicular, de forma positiva, a diversidade das formas de parentalidade. Estes livros apontam assim para a confirmação de um percurso que é descrito da seguinte forma por Ana Margarida Ramos (2009: 1): «Nos últimos anos, verificou-se inclusivamente um crescimento significativo da atenção à vivência da homossexualidade parental, apresentada como uma tipologia familiar estável e em tudo semelhante à família tradicional, numa atitude que pode ser lida enquanto forma de diversificação das referências sociais propostas a crianças muito pequenas.»

### 3. Considerações finais

Da análise efectuada, é possível concluir que a temática da homossexualidade, ainda que de forma ténue, sobretudo periférica e revestida de alguns contornos homofóbicos, é abordada em diversas produções literárias de potencial recepção juvenil, designadamente nas que foram aqui apresentadas. O assunto continua a ser muito sensível, mas já não parece ser completamente tabu, registando-se,

---

onde aborda a questão das famílias diferentes (presente também a referência às famílias homoparentais).

---

inclusivamente, nas obras analisadas, a vontade de despoletar reflexão sobre esta questão.

Como refere Chaimbault (2002: 15), reportando-se à situação francesa, «Les représentations de l'homosexualité dans la littérature de jeunesse ont fort évolué en vingt ans de représentations, passant de la négation pure et simple de ce type de relation à l'acceptation et non pas la valorisation de cet amour mais au moins la possibilité de cet amour». É pertinente mencionar que, de acordo com Delbrassine (2006: 306), existe um desfasamento temporal significativo entre a forma como a literatura juvenil alemã e a francesa (e, acrescente-se, a portuguesa), abordam esta temática. Segundo este autor, os adolescentes alemães já nos anos 80 e 90 podiam ler livros onde os protagonistas eram jovens homossexuais assumidos ou com pais homossexuais. Em França, apenas nos anos 90 este assunto deixa de estar à margem da intriga e passa a ser central em várias narrativas de potencial recepção juvenil. De acordo com Lefèbvre (2006: 3), a imagem do homossexual transmitida nessas produções literárias mudou desde os anos oitenta, passando de uma representação tímida, subentendida, com associações negativas (à SIDA), à representação de heróis que assumem a sua orientação sexual e se aceitam tal como são. Como conclui Delbrassine (2006: 306), «cet examen d'un thème particulier démontre aussi bien combien les libertés évoluent dans la littérature pour la jeunesse simultanément avec les mentalités».

Em Portugal, ao contrário de outros países (França, Alemanha, Brasil, Espanha, Estados Unidos da América...) onde a questão da homossexualidade tem vindo a ser abordada de forma mais recorrente (Lefèbvre, 2006; Chaimbault, 2002; Silva, 2006; Day, 2002), a temática da homossexualidade não é ainda adoptada pelos autores portugueses que escrevem para o público adolescente da mesma forma que outras problemáticas mais presentes, como é o caso, na literatura juvenil, da droga, da vida escolar, dos relacionamentos amorosos heterossexuais, dos problemas familiares ou outros.

Facco (2009: 331) afirma que enquanto os alunos e as alunas heterossexuais se deparam constantemente com modelos de identificação nos livros lidos, os (as) estudantes homossexuais não encontram esses modelos, o que acarreta, na maioria das vezes, um sentimento de inadaptação, de inadequação à sociedade e ao mundo em geral. Chaimbault (2002: 44) sublinha que, tal como acontece com outros adolescentes, um adolescente homossexual precisa de encontrar representações e pontos de referência e «c'est dans les livres qu'il va trouver les réponses à ses questions ; en fait non pas tant des réponses que des orientations qu'il sera à lui ensuite d'assimiler et de réinterpréter. Les fictions ont ce rôle de découverte du monde, des autres, de soi».

Como referimos, as produções literárias de potencial recepção juvenil aqui analisadas espelham sobretudo alguns estereótipos preconceituosos e homofóbicos vigentes na sociedade portuguesa, o mesmo não acontecendo com as produções literárias infantis mencionadas. Esta construção de estereótipos homofóbicos tem vindo a ser realizada ao longo dos tempos através de vários discursos que, de alguma forma, instrumentalizam o medo que se tem do Outro, da sua diferença, tentando fixar os limites da «normalidade», porque, como sublinha Tamagne (2002: 61)

L'abondance et la variété des stéréotypes homophobes n'ont d'égales que la peur et le danger que l'homosexualité fait peser sur les valeurs des sociétés qui produisent ces images. (...) L'homophobie joue alors sur l'opposition masculin/féminin pour susciter la fascination, le ridicule, la peur ou la haine, imposant des modèles de l'homosexualité qui imprègnent les mentalités, tant des homosexuels que des hétérosexuels.

É pertinente no entanto realçar, tendo em atenção as afirmações de Chaimbault (2002: 34), que é também através destas representações e imagens veiculadas pela literatura infanto-juvenil que as crianças e os jovens constroem a sua própria imagem da homossexualidade, para o bem ou para o mal. Sublinhe-se o facto de, em algumas das produções literárias analisadas, surgirem

algumas vozes que pretendem suscitar a reflexão sobre esta questão e desconstruir alguns dos preconceitos homofóbicos vigentes.

As obras examinadas espelham efectivamente esta dificuldade em aceitar a diferença no que respeita às diferentes possibilidades de orientação sexual, sendo as próprias personagens agentes de discriminação dos colegas muitas vezes apenas baseados em conceitos estereotipados. As personagens masculinas que, de alguma forma, se desviam da «normalidade», dos modelos de masculinidade veiculados pela sociedade, são discriminadas e violentadas na sua integridade, por via da violência verbal e/ou física, tal como, de resto, parece acontecer na sociedade. Refira-se a este propósito que, nas produções literárias analisadas neste artigo, se faz referência apenas à homossexualidade masculina, o que não deixa de ser significativo. E como sublinha Day (2000: xxiv), «the absence of representation in literature is a form of symbolic annihilation».

Se a literatura mais não for que o espelho da realidade social e não contribuir, juntamente com outras formas de arte, para a promoção do respeito pelos direitos humanos e a aceitação do Outro e da sua diferença, as crianças e os leitores adolescentes continuarão a interiorizar e a reproduzir os mesmos preconceitos homofóbicos, num círculo vicioso que urge quebrar. No nosso entender, a questão verdadeiramente central em toda esta problemática tem a ver com o respeito profundo pelos direitos de cada ser humano, o combate a todas as formas de discriminação e violência exercida sobre as pessoas com base nas opções da sua intimidade. Neste contexto, a literatura infantil e juvenil, tendo em conta os seus destinatários preferenciais e as mensagens de tolerância e respeito que pode transmitir, deve constituir-se «comme un instrument engagé au service de valeurs consensuelles» (Delbrassine, 2006: 306), contribuindo, desta forma, para a formação de verdadeiros cidadãos do Mundo.

### **Bibliografia activa**

- BACELAR, M. (2008). *O Livro de Pedro (Maria dos 7 aos 8)*. Porto: Afrontamento.
- GONZALEZ, M. T. M. (1996). *Ricardo, o Radical*. Lisboa: Difel.
- GONZALEZ, M. T. M. (1999). *Poeta (às vezes)*. 3.ª ed. [1ª ed. 1997]. Lisboa: Difel.
- GONZALEZ, M. T. M. (2001). *Em Casa do Vasco*. Lisboa: Difel.
- GONZALEZ, M. T. M. (2003). *Alguém sabe do João?* 4ª ed. [1ª ed. 1999]. Lisboa: Difel.
- MAGALHÃES, A. M. & ALÇADA, I. (2006). *O Diário Secreto de Camila*. 5ª ed. [1ª ed. 1999]. Lisboa: Caminho.
- PESSOA, S. (2008). *Ser Diferente é Bom*. Lisboa: Papiro Editora.
- SALDANHA, A. (2002). *O Gorro Vermelho*. Lisboa: Caminho.

### **Bibliografia passiva**

- ANDREOLI, G. (2010). Dança, Género e Sexualidade: Um Olhar Cultural. *In Conjectura*. v.15, n.º1, jan/abr. 2010. [Em linha]. [Consultado em 4/10/2010]. Disponível em <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/articloe/viewFile/186/177>
- CÂNCIO, F. (2008). Ilustrar Todos os Afectos. *In Diário de Notícias*, 1 de Março de 2008. [Em linha]. [Consultado em 20/12/2010]. Disponível em [http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content\\_id=1003501&page=2](http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=1003501&page=2)
- CARNEIRO, N. S. & MENEZES, I. (2006). La Construction de L'identité des Jeunes Homosexuels au Portugal. *In L'orientation Scolaire et Professionnelle*. pp. 225-249. [Em linha]. [Consultado em 4/10/2010]. Disponível em <http://osp.revues.org/index1085.html>
- CASA DA LEITURA (2008). *Sinopse de O Livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)*. [Em linha]. [Consultado em 4/10/2010]. Disponível em

- [http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/portalpha.pl?pag=sol\\_li\\_fichaLivro&id=1225](http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/portalpha.pl?pag=sol_li_fichaLivro&id=1225)
- CHAIMBAULT, T. (2002). *L'Homosexualité dans la Littérature de Jeunesse*. [Em linha]. [Consultado em 4/10/2010]. Disponível em <http://www.vagabondages.org/public/Documents%20%C3%A0%20joindre%20aux%20billets/Memoire2.pdf>
- CLAES, M. (1990). *Os Problemas da Adolescência*. Lisboa: Verbo.
- DAY, F. A. (2000). *Lesbian and Gay Voices: An Annotated Bibliography and Guide to Literature for Children and Young Adults*. Westport: Greenwood Press.
- DELBRASSINE, D. (2006). *Le Roman pour Adolescents Aujourd'hui: Ecriture, Thématiques et Réception*. Paris: Academie de Créteil.
- FACCO, L. (2009). As “Diferenças” na Literatura Infantil e Juvenil nas Escolas: para entendê-las e aceitá-las. In R. D. Junqueiro (Org). *Educação: Problematizações sobre a Homofobia nas Escolas*. Brasília: Edições MEC/Unesco, pp. 324-339. [Em linha]. [Consultado em 8/10/2010]  
Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001871/187191por.pdf>
- FELIPE, J. & BELLO, A. T. (2009). Construção de Comportamentos Homofóbicos no Cotidiano da Educação Infantil. In R. D. Junqueiro (Org). *Educação: Problematizações sobre a Homofobia nas Escolas*. Brasília: Edições MEC/Unesco, pp. 141-158. [Em linha]. [Consultado em 8/10/2010]  
Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001871/187191por.pdf>
- GATO, J. & FONTAINE, A. M. (2010). Desconstruindo preconceitos sobre a homoparentalidade. *LES Online*, Vol. 2, No 2, 14. [Em linha]. [Consultado em 20/1/2011] Disponível em

[http://www.lespt.org/lesonline/index.php?journal=lo&page=article&op=viewFile&path\[\]=34&path\[\]=33](http://www.lespt.org/lesonline/index.php?journal=lo&page=article&op=viewFile&path[]=34&path[]=33)

JUNQUEIRA, R. D. (2009). *Homofobia nas Escolas: Um Problema de Todos*. In R. D. Junqueiro (Org). *Educação: Problematizações sobre a Homofobia nas Escolas*. Brasília: Edições MEC/Unesco, pp. 13-52 . [Em linha]. [Consultado em 8/10/2010] Disponível em

<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001871/187191por.pdf>

LEFÈBVRE, Ch. (2006). *Les Représentations de L'homosexualité au sein des Romans pour Adolescents*. [Em linha]. [Consultado em 4/10/2010].

Disponível em

[http://jeunesse.lille3.free.fr/article.php3?id\\_article=597](http://jeunesse.lille3.free.fr/article.php3?id_article=597)

RAMOS, A. M. (2009). *Sexualidade na Literatura para a Infância*. Lisboa: Casa da Leitura. [Em linha]. [Consultado em 4/10/2010]. Disponível em

[http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/documentos/tem\\_sexualidade.pdf](http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/documentos/tem_sexualidade.pdf)

RODRIGUES, C. (2009). Um Desafio à Experimentação Pós-Moderna: «O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8). *Malasartes – Cadernos de Literatura para a Infância e Juventude n.º 20* (II série), pp. 27-33.

SILVA, L. F. da (2006). *Vozes de um Desejo: Homoerotismo e Homossociabilidade na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira*. Tese de Doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. [Em linha]. [Consultado em 8/10/2010]

Disponível em [www.ufpe.br/pgletras/2006/teses/tese-luciano-ferreira-silva.pdf](http://www.ufpe.br/pgletras/2006/teses/tese-luciano-ferreira-silva.pdf)

SCOTT, J. (1995). Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre: v. 2, n. 20, p.71-99, Jul/Dez.

TAMAGNE, F. (2002). Genre et Homosexualité: De l'influence des Stéréotypes Homophobes sur les Représentations de

L'homosexualité. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire* 3/2002 (n° 75), pp. 61-73. [Em linha]. [Consultado em 4/10/2010].  
Disponível em [www.cairn.info/revue-vingtieme-siecle-revue-d-histoire-2002-3-page-61.htm](http://www.cairn.info/revue-vingtieme-siecle-revue-d-histoire-2002-3-page-61.htm).